

DOI: [https://doi.org/ 10.22456/1982-8136.95687](https://doi.org/10.22456/1982-8136.95687)

AGENTES PARAECLESIAIS: A VIRGEM DE SÃO JOÃO DOS LAGOS E SUA PEREGRINAÇÃO POR UM BAIRRO DE GUANAJUATO¹

Hugo José Suarez²

Não tenho dinheiro, mas tenho Fé e Esperança.

Seu Francisco, Zelador da Caravana da Fé em Guanajuato

Resumo: Este artigo analisa um agente paraeclesial, no México, que se caracteriza por administrar os bens de salvação sem pertencer oficialmente à estrutura eclesial Católica. Relatamos aqui o caso de Seu Francisco, responsável pela Virgem de São João dos Lagos, que circula pelas casas de um bairro popular em Guanajuato, realizando pequenas peregrinações e rezas durante o trânsito entre uma casa e outra. Esse ritual é o que marca o ritmo da vida religiosa do lugar, para além das atividades oficiais oferecidas na Paróquia. A presença destas formas semiautônomas é um indicador das novas demandas da Fé e da recomposição do cenário religioso no México.

Palavras-chave: Peregrinações populares; Agentes paraeclesiais; Religiosidade popular na América Latina; Devoção mariana no México.

NEIGHBORHOOD PILGRIMAGE OF THE VIRGIN OF SAN JUAN DE LOS LAGOS IN GUANAJUATO

Abstract: This article analyzes a para-ecclesiastic agent in Mexico who is characterized by being in charge of administering salvation goods without officially belonging to the Catholic ecclesiastic structure. It is explained the case of Don

¹ Tradução de Victoria Hugentobler Valez, graduanda do Curso de Bacharelado em Letras – Tradução Português/Espanhol. Supervisão: Cleci Bevilacqua, professora do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras, UFRGS.

² Doutor em Sociologia pela Universidade Católica de Lovaina, Bélgica. Pesquisador no IIS-UNAM (Instituto de Pesquisas Sociais da UNAM). E-mail: hugojosesuarez@yahoo.com.

Francisco, responsible of the image of the Virgen of San Juan de los Lagos, which is well known in a popular suburb of Guanajuato, for going around on small pilgrimages and prayers from house to house. This experience marks the rhythm of religious life of that town more than the official activities offered by the parish. The presence of these forms semi-autonomous is an indicator of the new needs of faith and of the recomposition of the religious landscape in Mexico.

Keywords: Para-ecclesiastic agents; Popular pilgrimages; Popular religiosity in Latin America.

INTRODUÇÃO

Uma das características do catolicismo mexicano tem sido a tensão entre as autoridades burocraticamente designadas para a administração dos bens de salvação e as estruturas comunitárias que obedecem a dinâmicas próprias, o que foi definido por alguns autores como religiosidade popular. Diversos estudos mostraram como imagens religiosas (santos, virgens e Cristos) estiveram sob os cuidados e a responsabilidade de pessoas cuja designação responde pelos sistemas comunitários de cargos (relacionando autoridades agraciadas, civis e religiosas), e não conforme as normas oficiais da Igreja. (De la Peña, 1980; Rivera Farfán, 1998; Cortés Ruiz *et al.*, 2005).

Esta é uma situação que vem de longa data e com muitos envolvidos, remontando aos tempos de colônia, em que surgiram várias discrepâncias em função do controle “[...] das festas, que estavam nas mãos das confrarias e mordomos, que rejeitavam qualquer interferência direta por parte da Igreja” (De la Peña, 2004, p. 24).³ É preciso lembrar que as confrarias

³ A diferença entre *confraria* e *mordomia*, até meados do século XIX, consistiu em que a *confraria* era “[...] um grupo corporativo, possuidor de bens, que se encarregava coletivamente do culto a um santo”; a *mordomia* era “[...] uma designação individual de duração limitada, que implicava que o encarregado se incumbiria pessoalmente de uma celebração” (De la Peña, 2004, p. 24)

do período colonial desempenharam um papel muito importante por ter responsabilidades tanto sociais quanto religiosas:

[...] integravam a população no corpo da Igreja, permitindo que participassem nas celebrações dos cultos, ainda que fosse de maneira periférica, canalizando inquietudes e práticas religiosas. Missas, rosários, procissões, retiros, etc., foram promovidos e sustentados por estas organizações. Além disso, fomentaram práticas caritativas e fraternais entre os membros, indo além do cumprimento dos sacramentos (Rangel, 2004, p. 119).⁴

Desde cedo, as confrarias representaram um conflito ao se converterem em instâncias legítimas que competiam pela difusão e pelo controle da fé.⁵ Ainda que suas formas e funções tenham mudado ao longo do tempo, estas

⁴ Rangel explica que “[...] ao pertencer a estas instituições [as confrarias], o indivíduo desfrutava dos benefícios espirituais, indulgências e privilégios reservados aos membros. Outro estímulo era fazer parte de um grupo no âmbito da Igreja devido à importância de integrar-se ao seu conjunto, que era indício de prestígio, honra e poder social. As confrarias criavam um sentido de solidariedade e privilégio corporativo entre os confrades. Davam orientações à vida individual e organização social à coletividade, além de canalizar as energias votivas em benefício da comunidade. Sua existência foi especialmente importante entre os indígenas” (Rangel, 2004, p. 119).

⁵ Rangel conta sobre como, em Salamanca (Guanajuato), no século XVII, houve um conflito entre o clero e os responsáveis da confraria pelo controle dos bens simbólicos. Parte do conflito concentrava-se numa questão de territorialidade: quando eram realizados cultos na capela administrada pela confraria, às vezes ignorando as orientações da paróquia, mas em especial durante datas festivas, quando o público acabava por ir à capela. O conflito resultou favorável ao pároco e à Paróquia, que se consolidou como um “lugar sagrado por excelência” (Rangel, 2004, p. 136). Neste episódio, “[...] índios e clero se envolveram em um conflito pelo controle do âmbito simbólico, sem descartar outros tipos de tensões, como os atritos étnicos. Para os índios, o que estava em jogo era o controle do eixo de sua identidade coletiva, enquanto que para o clero tratava-se de sua posição dominante no mercado simbólico e seu prestígio como corporação. A vitória eclesiástica estabeleceu seu domínio no imaginário religioso e marcou o fim da frágil coesão indígena e a fragmentação de sua identidade” (Rangel, 2004, p. 146).

deixaram uma importante herança que confere aos fiéis a capacidade de gerir o sagrado sem a mediação ou participação oficial da Igreja. Embora a origem das mordomias tenha sido preponderantemente rural, atualmente as dinâmicas religiosas urbanas estão profundamente permeadas por esta particularidade na administração do sagrado. Assim, nas diferentes cidades, independentemente de seu tamanho, importância ou processo de modernização ao qual tenham sido submetidas, é comum ver santos e virgens que circulam pelas ruas sendo introduzidos no âmbito privado do lar e marcando ritmos religiosos relativamente autônomos que interagem, de diversas formas, com as autoridades católicas. No panorama atual do catolicismo mexicano, estas práticas, longe de ser uma memória, ainda formam parte do cenário religioso. No entanto, sua função responde às novas necessidades dos adeptos, que encontram nelas a resposta para suas demandas simbólicas; em vários casos, estas devoções já não estão vinculadas a uma estrutura de cargos sociais, religiosos e culturais tradicionais, mas possuem outras características. Este é o tema que buscamos abordar nas páginas que seguem.

No presente artigo, queremos chamar a atenção para o que denominaremos de *agentes paraeclesiais contemporâneos*, que serão compreendidos como instâncias que administram os bens simbólicos sem filiação legítima oficial à instituição eclesial – ainda que sem romper radicalmente com ela – e que reconfiguram de forma semiautônoma os conteúdos, circuitos e formas da prática religiosa. Seguindo a tipologia clássica do campo religioso, não estamos falando de sacerdotes, leigos, nem de profetas ou magos, mas sim de agentes que, sobretudo, encaixam-se na intersecção entre sacerdotes, leigos e profetas, sem que assumam completamente nenhum daqueles papéis.⁶

Os *agentes paraeclesiais* são, como conceito de trabalho, aqueles que cumprem com três condições para o funcionamento de um campo religioso: concorrência – e tensa convivência – com a instituição eclesial no controle e monopólio da gestão dos bens de salvação – ainda que não se chegue a uma ruptura e, portanto, ao nascimento de uma nova empresa religiosa;

⁶ Referimo-nos à proposta de Bourdieu (1971a) e Bourdieu (1971b).

graus de autonomia na definição de formas, conteúdos, agenda da crença; capacidade de:

[...] pôr em jogo o monopólio do exercício de poder modificar de forma duradoura e profunda a prática e a visão de mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando um *habitus religioso* particular: isto é, uma disposição duradoura, generalizada e transferível para atuar e pensar conforme os princípios de uma visão (quase) sistemática do mundo e da existência. (Bourdieu, 1971a, p. 11, grifos do autor)

O questionamento que guia essa reflexão é: qual é a função dos agentes paraeclesiais no funcionamento do campo religioso e o que sua presença e ação interpelam?

É preciso mencionar que os agentes paraeclesiais contemporâneos atuam em um momento no qual o catolicismo, no México, está perpassado por, ao menos, quatro características gerais que devem ser destacadas. A primeira é o processo de diversificação religiosa global que fez com que, no último censo nacional de 2000, somente 88% da população maior de cinco anos se declarasse católica, enquanto vêm surgindo diversas opções de novas ou antigas crenças (De la Torre; Gutiérrez (coord.), 2007; INEGI, 2005; Casillas, 1996). Estudos pontuais têm mostrado que existem entidades federativas em que a população abandonou consideravelmente a Igreja – por exemplo, Chiapas, onde apenas 63.8% da população declara-se católica (INEGI, 2005; Rivera Farfán (coord.), 2005) –, ainda que o comportamento nacional seja diferenciado conforme a região.

Uma segunda característica é a ambiguidade daquilo que hoje significa ser católico, e a constatação de que “[...] sob a denominação de ‘católicos’, agora agrupam-se os ortodoxos, os populares, os fundamentalistas, os progressistas, os radicais, os carismáticos e, mais recentemente, juntaram-se as variedades *New Age*” (De la Peña, 2004, p. 26, grifos do autor). Esta situação levou alguns pesquisadores a se perguntarem se o catolicismo é “[...] um templo no qual habitam muitos deuses? [...]”, uma vez que, atualmente, “[...] o fato de que alguém se reconheça dentro da confissão católica, não

implica que creia, pense, valorize ou atue dentro dos limites normativos de confessionalidade a que pertence” (De la Torre, 1999, p. 101-102). De la Torre, depois de analisar uma pesquisa feita em Guadalajara mostra, por exemplo, que, para um terço dos entrevistados, a ideia de Deus é compreendida como uma *força vital* ou *energia*, percepção que se afasta do dogma de Deus como Santíssima Trindade.

Um terceiro elemento que é preciso ressaltar é a tendência global à desterritorialização das comunidades de fiéis e a desregulamentação paroquial (Hervieu-Léger, 1999, p. 94). No México, também vem sendo vivido este processo pelo qual o lugar físico da paróquia deixa de ser o centro da vida espiritual, que se vê suplantada por várias expressões religiosas que acontecem para além dela (De la Torre, 2006, p. 139). Aparecem, dessa forma, novas – ou tradicionais – modos de organização religiosa que não se concentram no espaço de controle eclesial e que funcionam com outras rotinas e ritmos.

Finalmente, deve-se mencionar a tendência à desinstitucionalização e à individuação que, embora seja uma característica da sociedade atual como um todo (Bajoit, 2003; Lahire, 2006; Martuccelli, 2007), também o é de forma fundamental no aspecto religioso (Gutiérrez, 2005) e, particularmente, no catolicismo mexicano (De la Torre, 2006, p. 142).

Como ver-se-á, a seguir, *os agentes paraeclesiais contemporâneos* agem nesta complexa trama da experiência religiosa atual. O caso concreto do qual nos ocupamos é o de um agente que peregrina uma imagem da Virgem de São João dos Lagos em um bairro popular de Guanajuato.

Para explicar este fenômeno, dividimos o presente artigo em cinco seções. Na primeira, são referidas brevemente as características da experiência, enquanto na segunda, terceira e quarta são descritas as percepções dos três agentes que compõem o campo religioso estudado: Seu Francisco, os leigos e o Padre Francisco; em seguida, é apresentada uma reflexão a respeito das tensões dessa experiência e, por fim, chega-se às conclusões.

PARTICULARIDADES DE UMA EXPERIÊNCIA

A vivência concreta que vamos analisar ocorre na cidade de Guanajuato, no estado de mesmo nome, no México. É preciso lembrar que Guanajuato é um dos lugares onde a Igreja Católica conseguiu estabelecer raízes sólidas. Desde os primórdios da época colonial, este estado representou uma importante fonte de renda graças às suas minas, que nutriram a economia mundial de forma eficaz; em função disso, o projeto evangelizador também foi muito significativo, contando com um importante número de ordens religiosas e atenção especial por parte da Igreja.

Nas primeiras décadas do século XX, Guanajuato continuou sendo um núcleo da religiosidade tradicional católica, com diferentes organizações político-religiosas ativas (Rionda, 2001). Durante o período da Guerra Cristera (1926-1929), nesse território, foram protagonizados importantes episódios de enfrentamento e execuções.⁷ Atualmente, a estrutura eclesial é dinâmica, sendo sua presença na sociedade sustentada por meio de diversos canais.⁸ O Arcebispo de León (cidade mais importante do estado), Mons.

⁷ Sobre a Guerra Cristera, ver Meter (1988) e Puente (2002).

⁸ Guanajuato possui três dioceses: León (nove municípios), Celaya (onze municípios) e Irapuato (nove municípios). Sete municípios do estado pertencem à diocese de Querétaro, e dez, à diocese de Morelia. Entre as três dioceses (León, Celaya e Irapuato), concentra-se 86.5% da população total; nelas existem cerca de 250 paróquias, 874 sacerdotes e mais de 2.200 religiosos (dados pesquisados em www.cem.org.mx). A estrutura de comunicação, no caso da diocese de León, consiste em um jornal semanal (*Gaudium*), uma revista mensal (*Sacerdos*), uma revista trimestral (*Liturgia Viva*) e uma publicação mensal (*Hóstia*), que é distribuída no primeiro domingo de cada mês nas paróquias. São transmitidos dois programas de rádio uma vez por semana, e o Arcebispo Mons. José Guadalupe Martín Rábago faz uma coletiva de imprensa aos domingos após a missa matinal, que é difundida em diversos noticiários e jornais durante a semana. Além disso, na emissora de TV Televisa Bajío, todos os domingos ao meio-dia, o sermão do Bispo é reprisado. No que diz respeito à infraestrutura educacional, a diocese conta com escolas e universidade, além de um seminário maior e menor de formação religiosa. Por outro lado, não podemos esquecer que o ex-presidente Vicente Fox (2000-2006) originalmente

José Guadalupe Martín Rábago, além de ter sido o presidente da Conferência Episcopal Mexicana entre 2004 e 2006, também tem uma participação pública sólida nos meios de comunicação locais. Em Guanajuato, está localizado o Cerro do Cubilete, um ícone do catolicismo conservador em nível nacional. De acordo com o último censo realizado em 2000, nesse estado, 96.4% da população maior de cinco anos identifica-se como católica, sendo a entidade federativa com a maior porcentagem do país (INEGI, 2005)⁹.

Neste contexto geral, é no bairro Marfil, na cidade de Guanajuato, que se desenrola a situação que buscamos analisar. Trata-se de uma colônia habitada por 27.369 pessoas, 5.435 famílias e 42 comunidades. A composição social é diversificada em sua extensão: convivem ali casas luxuosas, de classe média, comunidades semirurais e urbanas populares; no entanto, o território por onde transita a romaria é um setor de assentamentos populares criado na última década, situado em um morro de difícil acesso e com condições de vida precárias¹⁰. A principal característica religiosa do lugar é a presença da imagem da Virgem de São João dos Lagos, que transita por todos os lares e neles permanece durante alguns dias, conforme os pedidos dos leigos

foi governador de Guanajuato, e sua gestão teve um grande viés religioso. Ainda nesse sentido, o Partido de Ação Nacional, que representa a direita católica do país, é o partido majoritário, ganhando sistematicamente todas as eleições locais.

⁹ Enquanto que, em nível nacional, ocorreu uma queda gradual no número de filiações ao catolicismo nos últimos cinquenta anos (de 98.2%, em 1950, para 88%, nos anos 2000), no caso de Guanajuato, o ritmo foi menos acelerado, passando de 98.9%, em 1960, para 96.4%, nos anos 2000 (INEGI, 2005). Ainda assim, Guanajuato passou da quarta posição no *ranking* de entidades com maior filiação católica, em 1980, para o segundo lugar em 1990 (sendo superada somente por Aguascalientes, 96.7%, e 97.2%, respectivamente) e, então, para a primeira posição em 2000 (INEGI, 2005).

¹⁰ A pesquisa de campo foi realizada entre maio e junho de 2006. Foram feitas doze entrevistas individuais, que foram transcritas e, posteriormente, analisadas, utilizando-se o método de análise estrutural de conteúdo (Hiernaux, 1977; Suárez, 2003) e a matriz interpretativa construída previamente. Além disso, a observação de campo foi realizada durante os meses apontados.

(de quatro dias até uma semana)¹¹. Nas casas, a Virgem é colocada em um altar especial e lhe são ofertadas preces e velas. Quando chega o momento de deixar os lares, realiza-se um pequeno ato de oração e pedidos, compartilhado com os vizinhos e a nova família que a receberá. No caminho de uma casa para a outra, improvisa-se uma romaria na vizinhança, com louvores, nas quais participam vários vizinhos. Essa rotina repete-se há cinco anos, e a Virgem já percorreu aproximadamente 450 lares (tendo passado duas ou três vezes por um mesmo lar). É a mesma imagem que é utilizada quando outro grupo de fiéis se desloca, todo ano em janeiro, até São João dos Lagos, na romaria nacional.

O responsável pelo transporte da imagem pelo bairro é Seu Francisco, um leigo de cinquenta anos, de pouca escolaridade e recursos econômicos igualmente escassos. Sua função oficial é a de zelador maior, uma vez que possui um vínculo estreito com a Caravana Nacional da Fé¹², a qual comparece anualmente e de onde provém sua devoção, como veremos adiante. Francisco adquiriu a imagem por meio das autoridades diocesanas da Caravana e possui autorização para levá-la regularmente aos lares. O zelador encarrega-se de organizar a peregrinação anual até São João; no entanto, por iniciativa própria, independentemente de sua posição no evento nacional, promoveu pequenas romarias da Virgem até as casas do bairro, impulsionando a veneração mariana. O interesse de análise, dessa forma, não é a Caravana Nacional até São João, que ocorre todos os anos em janeiro e fevereiro, mas as romarias cotidianas realizadas ao longo do ano na comunidade de Marfil.

¹¹ A Virgem de São João dos Lagos encontra-se localizada na cidade de São João dos Lagos, em Jalisco. Anualmente, em janeiro e fevereiro, milhares de visitantes vindos de todos os cantos do país se reúnem em peregrinações multitudinárias. A tradição já tem mais de cem anos. Depois da Virgem de Guadalupe, na Capital Federal, é o segundo culto de maior afluência no México.

¹² A Caravana Nacional da Fé é o nome oficial que recebe a peregrinação da Virgem de São João. Trata-se de uma estrutura organizativa vinculada à Igreja que prepara toda a coordenação, tanto em nível logístico quanto espiritual, para permitir que os peregrinos possam chegar ao santuário sem inconvenientes.

No entanto, é impossível não fazer referência à primeira, que alimenta a segunda, embora não seja mais do que um pano de fundo que serve como explicação para a prática no bairro.

Os leigos que vivem na região – segundo agente religioso – recebem a imagem logo depois de fazer uma solicitação oral a Seu Francisco. O perfil social dos leigos é, como o do próprio bairro, de escolaridade baixa e recursos econômicos escassos, composto em sua maioria por mulheres. Sua participação em outros eventos eclesiais é muito limitada, assim como seu contato com a paróquia.

Um terceiro agente na constituição deste campo religioso é o pároco. O padre Francisco, vigário jovem, que recém, em 2004, foi designado à Marfil, é o responsável pela atenção religiosa na Paróquia de São José e Santiago de Marfil. A paróquia é composta por quatro zonas (Marfil, Hierbabuena, La Saucedá e Puentecillas), com 67.500 habitantes, de forma que o trabalho pastoral acaba por exceder sua capacidade de atendimento.

Em um primeiro nível de análise, os agentes mais ativos neste campo religioso – no que diz respeito à romaria da Virgem no bairro e, por tanto, ao problema conceitual que nos ocupa – está composto por Seu Francisco como o principal responsável, os leigos que recebem a imagem e o sacerdote do bairro, como veremos a seguir.¹³

¹³ Deve-se mencionar que o bairro também conta com outras imagens, como a de São Miguel Arcanjo, que também peregrina regularmente pelas casas, mas que não será estudada neste trabalho por tratar-se de uma experiência muito similar à que é promovida por Seu Francisco. Por outro lado, existem alguns missionários de outras igrejas que, de tempos em tempos, passam pela vizinhança, mas são minoria e não representam um agente significativo.

SEU FRANCISCO: O MESTRE DA EMOÇÃO¹⁴*O nascimento da devoção*

Desde menino, Francisco tinha o costume de peregrinar até a Virgem de São João dos Lagos. Pelo aprendizado com a família, desde os sete anos, acabou incorporando essa rotina anual e, desde então até hoje, aos cinquenta anos, não deixou de participar de nenhuma romaria. No entanto, sua participação devia-se mais a uma inércia familiar e a um lazer; era “um passatempo, um dia de passeio, uma caminhada a mais (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)”. Apesar de peregrinar nas datas em que acontece o grande evento religioso, Francisco ficava entediado, seguindo o ritmo dos fiéis, que faziam paradas e rezas coletivas; nem bem os via, seguia seu caminho “apressadamente”. Os outros eram um indicador da velocidade de seu ritmo.

Um amigo seu, Santiago, convidou-o para participar coletivamente do evento. “Ele sim ia com devoção pura, isto é, durante os sacramentos, ia comungando, se confessando, ouvindo a missa, cantando, rezando, toda a parte religiosa da romaria. Eu, por outro lado, era o próprio diabo, porque não sabia nem o que estava acontecendo, era um enxerido que mal acompanhava por um minutinho e logo ia embora” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). Mas o convite de Santiago “[...] pelo poder da Virgem que me disse que ‘aqui há de ir’” (Francisco, reproduzindo a fala de Santiago, citação oral a partir de entrevista, 2006), foi ouvido, e assim ingressou no caminho da fé, ao qual foi se integrando pouco a pouco.

[...] primeiro saí correndo até Silao, mas, no dia seguinte, já fui com mais calma, com um pouco mais de respeito, fui esperando as outras peregrinações. Em seguida, comprei o livro dos louvores e comecei a aprender a cantar. Graças a Deus, é daí de onde nasceu a minha devoção em ir na peregrinação,

¹⁴ Todos os trechos são extraídos das entrevistas individuais feitas com Francisco entre maio e junho de 2006, em Guanajuato, Gto.

quando peguei esse livro. Depois fui mais tranquilo, ajudando nos cantos e perguntando aos peregrinos como se sentiram, convidando eles para voltarem no próximo ano. (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Quando o zelador de Guanajuato morreu, Francisco já tinha aprendido bem as habilidades necessárias para poder ocupar seu lugar, papel que assumiu com esmero especial a partir de 1999. Hoje em dia, esta prática já faz parte de sua vida: “[...] a cada ano, enquanto Meu Deus me permita, seguirei indo ver a minha Mãe Santíssima, sou um devoto dela” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006).

A MISSÃO DO ZELADOR

Como Zelador da Caravana Nacional de peregrinação até São João dos Lagos, Francisco cumpre uma série de funções que são assumidas por ele com uma autoexigência muito importante, um “dever-ser” que, para ser atingido, exige que canalize todas suas energias psíquicas na mesma direção¹⁵.

A primeira função, não por acaso a mais importante, é o *papel espiritual*, que é desenvolvido no transcórre do ano ao convidar várias pessoas para peregrinar. Nos dias do evento, o zelador leva um estandarte e um rosário à frente da romaria, vai cantando e rezando, ocupando-se dos demais: “[...] meus irmãos, bom dia, que Deus os acompanhe, que a Virgem os proteja e ajude (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)”.

Do papel espiritual de ser zelador-chefe, surge a prática de levar a Virgem em peregrinações pela vizinhança, que ultrapassam sua função oficial (que se resume a alguns dias em janeiro): “[...] eu sou responsável pelos zeladores, por esse motivo levo a Santíssima Virgem para visitar os lares e rezo o rosário, ela como peregrina deve peregrinar” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006).

¹⁵ Ver o conceito de “relação com o ser” em Hiernaux (1977) e Suárez (2003).

Nos louvores da vizinhança à Virgem, ao longo do ano, seu papel espiritual é reforçado pela relação com os fiéis que solicitam sua ajuda em diversos casos, desde rezas para os falecidos até sua intervenção diante de Deus para a obtenção de algum milagre:

Um monte de gente vem até mim para que eu peça à Virgem por elas, e eu peço pra minha rainha, minha mãezinha. Vamos dizer que alguém me fala “fulano de tal está doente”, por meio desse pedido eu peço à Nossa Senhora que o cure: ‘te peço com todo o coração, minha mãezinha, que a senhora interceda diante de Deus Nosso Senhor para que Ele mande Seu alívio’. Que surpresa que é quando depois de dois ou três dias, pedindo para a Virgem que ajude o fulano, ter a alegria de ouvir “Don Pancho, já está melhor”. Pois graças a Deus e a graças à Nossa Senhora que já fez muitos milagres. Eu acredito que minha mãezinha me escuta, sim, escuta e, acima de tudo, enxerga os corações que lhe pedem com fé de verdade. Eu digo pra todo mundo: “peçam com o coração e vão ver que ela atende’. (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Em suas rezas e cantos, Francisco se vê como um semeador, o que deixa a semente da fé e da oração, particularmente o rosário e a devoção à Maria. É, de muitas formas, um mediador com a divindade.

Sua segunda função é o *papel operacional e de animador* da romaria. Deve organizar a chegada de centenas de pessoas de diferentes lugares, esperá-las, acolhê-las, e acompanhá-las. Antes de partir, precisa organizar a lista com todos os que participam, endereços para contato, idades, procedências etc.: “[...] temos que saber quem está indo com a gente, e durante o caminho nós, zeladores, temos a responsabilidade de motivar, de prestar primeiros socorros. Tem horas na caravana em que passamos mal, ficamos doentes, e é preciso ajudar” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). Ao chegar em São João, sua função conclui-se com a avaliação e o convite para o ano seguinte: “[...] minha obrigação é perguntar aos peregrinos como se sentiram, se voltariam a nos acompanhar no próximo ano, o que gostaram,

o que acharam de nós, zeladores, que estivemos trabalhando ali para eles, o que acharam dos demais” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006).

A terceira função é o *papel de gestão social e política*. Francisco conta com orgulho que, para receber os peregrinos em Guanajuato “[...] como Deus manda” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006), teve que recorrer – “com minha pouca instrução” – às autoridades municipais para solicitar banheiros públicos e serviços de primeiros socorros: “[...] não é justo que as pessoas que vêm com devoção ver nossa Mãe Santíssima tenham que fazer fila e pagar para poder ir ao banheiro” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). Suas demandas foram atendidas e foram disponibilizados banheiros públicos, caminhões pipa e médicos. Com a intenção de organizar a caravana, Francisco dialoga com frequência com autoridades de proteção civil, pedindo “[...] que nos apoiem, que cuidem de nós, porque é responsabilidade do governo receber a essas pessoas quando elas chegam no nosso estado, por isso, envio pedidos escritos solicitando apoio” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006).

UMA COMUNIDADE DE ORAÇÃO E SALVAÇÃO: A BUSCA FUNDAMENTAL¹⁶

Francisco trabalha para conseguir uma comunidade de fiéis que louvem a Deus e à Virgem:

O que eu quero é que a gente não deixe de adorar a Deus Nosso Senhor e à nossa Mãe, que a gente possa louvar os dois de verdade. Eu quero que a tradição não se perca, porque seria muito triste, tem muita coisa de fora vindo. [...] O que eu desejo é que, de verdade, a gente não se perca, que a gente não perca ninguém, mas o contrário, que a gente acredite muito em Deus Nosso Senhor e na nossa Mãe Santíssima, que a gente louve de verdade os dois, como eles merecem. (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

¹⁶ A “Busca Fundamental” é compreendida como o projeto de vida que o agente busca e almeja, utilizando-se de todos os meios para tal. Essa ideia provém de Greimas (1995) ao expor, na análise da semântica estrutural, a relação sujeito-objeto. É Hiernaux (1977) que utiliza a ferramenta para compreender estudos sociológicos.

Em uma alusão direta à parábola da ovelha perdida, constatando que “[...] somos pecadores e estamos perdidos [...]” (João 16:13), Francisco deseja que “[...] todos estejam no caminho de Deus Nosso Senhor, que nossa Mãe Santíssima nos salve e que a gente siga no rebanho de Deus” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). Para ele, “[...] temos que nos entregar a nossa Mãe Santíssima e a Deus, que podem nos salvar” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). Isso se consegue através da oração, por isso ele quer

[...] que as pessoas aprendam a rezar o rosário, que não deixem de rezar o santíssimo rosário, porque tem muita gente que já não reza mais, então é pra incentivar de verdade, incentivar as pessoas a rezarem e a não esquecerem de Maria. Não podemos nos esquecer de Maria porque ela é Nossa Mãe. Se a gente olhar para algumas pessoas, tem famílias que não sabem nem responder um Pai Nosso ou uma Ave Maria, eu já vi um monte de gente. Agora, onde quer que eu leve a Virgem e cante louvor, todos respondem, crianças de cinco, seis anos respondem, eu trabalhei muito pra que elas aprendessem [...] (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

O incentivo à devoção mariana é correspondido porque “[...] a Virgem está abrindo corações” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). Por isso mesmo, Francisco está empenhado em construir uma pequena capela para a Virgem Maria, onde ela possa ser louvada sem inconvenientes, embora o projeto seja a médio prazo, porque requer um capital com o qual ele não conta no momento:

Penso em construir uma capela aqui para a Virgem, um quarto como esse, mas só Deus sabe quando, Ela dirá, pois a verdade é que não temos dinheiro. Esse ano, a gente tinha decidido fazer a capela, se as pessoas dessem alguma ajuda, muita gente disse que sim, mas na hora mesmo, não. Mas eu vou construir uma capela para Nossa Senhora mesmo assim, se eu pude fazer uma casinha pra mim, como não vou poder fazer uma capelinha pra ela, pelo o amor de Deus? (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

DEUS, DIABO, TENTAÇÃO, SOFRIMENTO

Com respeito ao teor da crença, podemos afirmar que os traços fundamentais do discurso de Francisco respondem ao catolicismo tradicional, sem inovações significativas, salvo as consequências que comentaremos adiante¹⁷. De fato, em uma passagem em que reflete sobre o mal e o pecado, Francisco diz:

[...] o demônio age de muitas formas, aparece de várias maneiras. Quando estamos rezando o santíssimo rosário, estamos concentrados e aí vem o demônio cutucando na costela e dizendo ‘não ora, não ora, não escuta’. Por exemplo, quando vou à missa no domingo, me confesso, comungo – acabei de comungar! – e, saindo da igreja, me aparece uma rapariga com uma minissaia, ou então uma senhora com uma calça tão justa que dá pra ver o México inteiro, digo – acabando de comungar! (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

[...] ai, mamacita, mas assim não dá!”. Qual é, aí está o demônio, porque ele aparece e diz ‘esse aí já pulou a minha cerca e foi para o rebanho de Deus, mas agora é que eu pego ele de volta’. Aí estão as tentações. O demônio age por outros caminhos: roubar, encher a cara, fumar um baseado, os vícios e coisas do tipo, é aí onde o demônio age. E, às vezes, nós queremos fazer as coisas boas, mas não podemos porque o caminho de Deus é muito mais trabalhoso, é aí que o Diabo vence. (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

A tensão fundamental está entre o bem e o mal, Deus e diabo que agem constantemente, cada um buscando levar o fiel para um bando ou outro. O Diabo encarrega-se de apresentar as tentações (sexo, vícios, descontrole) e Deus procura devolver o fiel ao seu caminho. O bom cristão é aquele que controla seus impulsos, enquanto o perdido é quem se deixa levar pelas tentações (sexo, vícios). A prática da oração ajuda a manter o trem nos

¹⁷ Por “catolicismo tradicional” referimo-nos às ideias expostas por Hiernaux e Ganty (1977) e Hiernaux e Remy (1978).

trilhos. A dificuldade da tarefa é uma das características desse discurso, o sofrimento é inevitável:

Para seguir o caminho de Deus Nosso Senhor, é difícil, não um pouco, mas sim muito difícil, porque é um caminho muito estreito. Existe um caminho muito grande, muito amplo, com música, com mariachis, muita alegria, e nós andamos por esse caminho, mas queremos sair dele, queremos buscar o caminho de espinhos para chegar até a presença do nosso Pai Celestial, e pedimos a Ele para que, por meio de nossa Mãe Santíssima – que é nossa advogada –, interceda para que a gente possa seguir Ela. Nossa Mãe Santíssima, através do Espírito Santo, trouxe a esse mundo o nosso Senhor Jesus Cristo, para nos ensinar o que devemos fazer. Ele veio para sofrer por nós, veio nos ensinar que devemos sofrer, veio morrer neste mundo para nos salvar, para nos ensinar que devemos morrer e ressuscitar. Amanhã temos que ressuscitar com Ele. Temos, então, um dever um pouco pesado, não um pouco, mas sim pesadíssimo, é uma responsabilidade muito grande. (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

A dureza do caminho conduz a “presença” com Deus como objetivo vital. O que está em jogo, por fim, é a salvação –Vida – *vs.* condenação – morte.

A RELAÇÃO COM A IGREJA INSTITUCIONAL

Francisco mantém uma relação particular com a institucionalidade católica em diversos níveis e tensões. O espaço no qual essa interação flui melhor é na Caravana Nacional da Fé, organização com sede na cidade de León, da qual ele faz parte oficial como Zelador de Guanajuato. De fato, a imagem da Virgem foi concedida a Francisco por essas autoridades e ele tem um decalque, o qual mostra orgulhoso, com a inscrição “Autorização para Caravana Nacional da Fé, Mãe de Deus, Nossa Senhora, sede León, Guanajuato”. Com esse respaldo, Francisco afirma: “[...] eu levo a encomenda feita pela diocese de León e estou capacitado para levar Ela por todo o município de Guanajuato. Eu levo Nossa Senhora a todos os olhos do mundo, não por contrabando ou às escondidas, eu levo a imagem por

direito, de forma limpa, não ando com ela por negócio” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006).

Um segundo nível de relação, o mais intenso, se estabelece com a paróquia do bairro. Consciente sobre as possíveis consequências legais de sua iniciativa, Francisco deve informar ao pároco sobre sua atividade religiosa: “[...] eu me apresentei diante do Padre e disse: ‘veja, Padre, eu sou o zelador e por isso que trago essa imagem’, e ele me deu a autorização. Ele precisava saber, porque, se não, poderia dar problema” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006).

No entanto, a tensão manifesta-se quando se passa das formalidades eclesiais para a organização concreta da prática, ou quando seus serviços são solicitados: “[...] ali nós temos um templo pequenininho, quando chega sua festa, vemos com o padre se ele pode subir e rezar uma missa; às vezes, ele vem, mas também se faz de importante, por isso, eu já não convido ele mais” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). O conflito concreto acontece na hora de definir a data: “[...] se eu digo pra ele vir tal dia, ele me diz ‘não, porque não tem espaço, porque esse dia isso; não vou fazer no dia tal’. As coisas não são como a gente pede, mas sim como ele quer. Por isso que a gente acaba nem chamando pra vir” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006).

“O GRANDE PRAZER”: A EXPERIÊNCIA EMOCIONAL

As constantes alusões aos momentos mais intensos da trajetória religiosa de Francisco evocam momentos nos quais a afetividade foi o centro de sua experiência: “[...] ali na peregrinação, nasceu em mim a devoção pra ir com a Nossa Senhora” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). A fé não se explica, mas se vive: “[...] eu nunca tinha sentido o que senti ao falar com minha Mãe, nunca senti tamanho prazer como esse que sinto agora com minha Mãe e com Deus” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006).

Quando Francisco narra sua fugaz incursão com as Testemunhas de Jeová, explica que, com eles, mais do que as divergências em relação aos fundamentos, não se sentiu tocado “no coração”:

[...] nas coisas de Deus a gente tem que sentir. Se colocamos mesmo nossa fé e nosso coração, Deus e Nossa Senhora nos tocam no peito e nós vamos sentir. Eu, com eles [as Testemunhas de Jeová], nunca senti nada. Agora, às vezes, quando converso sobre minha Mãe, me dá vontade de chorar, mas com os irmãos nunca senti nada. (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Ao comentar sobre seu encontro com outros peregrinos, diz que “[...] é um encontro bem bonito, bem suave, na verdade, brota no coração de cada um; então, aí vem a vontade de chorar” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). O coração é o agente central e o guia da experiência; experiência essa que não tem a obrigação de se ser contada:

Olha, pra falar a verdade, eu não tenho palavras pra explicar pra você o que sinto quando vejo a Virgem. Na verdade, eu sinto uma grande devoção, uma grande alegria que você não ia nem acreditar, mas só minha Mãe e Deus Nosso Senhor sabem o que eu sinto no meu coração. Se eu contar ou explicar, capaz que você não vai acreditar em mim. (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

A autoridade da *palavra exemplar*¹⁸ de Francisco não reside em sua pobre investidura burocrática nem em seu conhecimento bíblico, mas no seu domínio sobre a reza e o canto, isto é, em suas habilidades com o afetivo:

¹⁸ Bourdieu (1971a, p. 56) diz que “[...] como conjunto, a palavra e a pessoa profética simbolizam as representações coletivas porque são elas que contribuem para sua constituição. É porque são elas que levam, no nível do discurso ou da conduta exemplar, as representações, os sentimentos e as aspirações que pré-existem, porém de uma forma implícita, semiconscente ou inconsciente. Em resumo, porque elas se realizam em seu discurso ou na pessoa como *palavras exemplares*, o reencontro de um significante e de um significado pré-existent (“Você não me procuraria, se tivesse me encontrado”), o

Eu tenho a Bíblia Guadalupana, a grandona, mas quase não estudo ela, quase não tenho conhecimento, tenho muito pouco e isso foi lendo, mas não tenho esse conhecimento para tirar conclusões, por isso que não passo mensagem nenhuma pras pessoas. Mas rezamos o rosário, depositamos toda nossa fé e a Virgem nos atende (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006).

Essa forma de religiosidade fundamentada na experiência exige uma “entrega de coração” e se reproduz fundamentalmente a partir da repetição do momento, o que se concentra na reza do rosário: “[...] tudo que nós fazemos é rezar o Santo Rosário, nada além disso” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). De fato, a oração é a coluna vertebral da devoção – que é central nas romarias e nas visitas de casa em casa da Virgem –, pois é através dela que se revive o sentimento religioso que organiza e dá sentido ao que é vivido.

Boa parte da eficácia desta forma de viver a fé e da função de Francisco para com ela deve-se ao fato de que ela não se sustenta em exigências institucionalizadas, mas basicamente no carisma do líder e no conjunto de emoções que é capaz de evocar no momento em que age.

RECEBENDO A VIRGEM NA CASA DE LEIGOS: O CATOLICISMO ESTRATÉGICO¹⁹

A Virgem em casa

Ter a imagem de Nossa Senhora em casa é uma experiência particularmente intensa que responde a duas demandas dos leigos: a proteção e a emoção (afetividade). De fato, a Virgem leva proteção a distintos âmbitos da vida. Vejamos alguns relatos:

Quando Nossa Senhora está aqui, eu sinto que minha casa está protegida por Ela. (Antonia, citação oral a partir de entrevista, 2006)

profeta, esse indivíduo isolado, sem passado, desprovido de qualquer outra garantia que não ele mesmo (“Está escrito [...] mas eu te digo [...]”), pode atuar como uma força organizadora e mobilizadora”.

¹⁹ Todas as citações desta seção são de entrevistas individuais realizadas em junho de 2006 com dez pessoas que receberam a imagem de Nossa Senhora em suas casas.

Nossa Senhora veio aqui pra casa num momento em que faltavam muitas coisas e a gente estava mal em todos os sentidos: moralmente, economicamente, a gente não tinha nada, tinha que batalhar muito. Desde que Nossa Senhora chegou aqui, tudo mudou, meu marido arranhou emprego, eu agradeço à Ela. (Ana, citação oral a partir de entrevista, 2006)

A primeira coisa que eu peço é ter o que comer, nem que seja só pra poder dar alguma coisa pras minhas crianças. (Sofia, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Eu sou muito agradecida pelos milagres que Nossa Senhora me fez. Eu rezo muito a ela pelos meus filhos, tem tanto mal nessa vida, tanto problema com droga, eu peço pra que eles não fiquem por aí, porque tudo é muito perigoso, peço pra que não tenham amizades ruins e tudo isso. (Amada, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Um dia minha filha ficou muito doente, eu pedi muito pra Virgem de São João pra que curasse ela, e Nossa Senhora me fez o milagre. (Antonia, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Se ela não tivesse feito um milagre pela gente, a gente não estaria aqui, ia ser tudo guerra. Não nos falta o pão de cada dia, tem paz nas nossas casas, não temos de sobra, mas também não passamos fome. (María, citação oral a partir de entrevista, 2006)

As demandas religiosas evocam as dimensões econômicas, de saúde e de moral, âmbitos nos quais os fiéis se sentem desamparados. O poder da Virgem é comprovado e se manifesta através dos milagres atingidos:

A Virgem nos faz muitos milagres, a gente pede muito. Vamos dizer, eu peço quando alguém da minha família adocece, e ela me atende, mesmo que demore um pouco, mas ela atende. Quando alguém adocece, onde que vai se agarrar? Em Nossa Senhora, é aí que a gente começa a ter fé. (Sofía, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Nossa Senhora já nos fez alguns milagres; por exemplo, meu filho se acidentou e por causa disso eu pedi pro Seu Francisco pra trazer a Santa aqui pra casa.

Eu pedi pra Nossa Senhora e meu filho se curou. Se a pessoa não vai se agarrar Nela, vai se agarrar no quê? (Carmen, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Certamente, para além da necessidade de alguma comprovação empírica, a Fé em Nossa Senhora é inquestionável²⁰ e dá aos fiéis uma razão diante da *dificuldade de viver* (Bourdieu, 1999, p. 7): “[...] sem a fé, tudo desmorona” (Ana, citação oral a partir de entrevista, 2006), “[...] eu vou morrer acreditando, Deus vai vir me buscar com essa fé e eu acredito em Nossa Senhora, em Deus, porque se a gente não confia Neles a gente não é ninguém. Eu acredito que se não existisse Deus, se não existisse Nossa Senhora, a gente não existiria.” (María, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Pois bem, qual é o papel afetivo da presença da imagem de Nossa Senhora nas casas?

Quando tenho Nossa Senhora aqui em casa sinto muita tranquilidade. Quando meu marido sai pra trabalhar, as crianças vão pra escola, ficamos só eu e ela; nessas horas eu começo a chorar e desabafo, tiro o peso das costas, me acalmo, sinto como se estivesse mesmo falando com alguém. (Ana, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Eu fico muito feliz de ter Nossa Senhora aqui, até queria que nem levassem ela. (Antonia, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Eu fico muito feliz, parece até que é meu aniversário. (anônimo, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Quando eu vejo ela, eu sinto tipo uma... Como que eu vou explicar, um carinho muito grande por ela. A gente confia Nela, se coloca em sua mãos e

²⁰ Freud dizia que os dogmas religiosos são “[...] gerados pelo impulso de satisfação do desejo, prescindindo de sua relação com a realidade” (Freud, 1996, p. 31-32), por isso, não requerem uma comprovação empírica. O próprio Hervieu-Léger define a crença como o “[...] conjunto de convicções, individuais e coletivas, que não são relevantes na esfera da verificação, da experimentação e, de forma mais ampla, dos modos de reconhecimento e controle que caracterizam o saber, senão que encontram sua razão de existir no fato de que dão sentido e coerência à experiência subjetiva daqueles que as possuem” (Hervieu-Léger, 1993, p. 105-106).

graças a Ela vamos chegar a Deus Nosso Senhor. Isso é o que eu sinto quando tenho ela por perto. (Carmen, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Ai! Eu fico muito emocionada de ter ela aqui, sinto Nossa Senhora entrando no meu coração. Não tenho palavras pra explicar o que eu sinto pela Virgem Maria. (Amada, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Mais uma vez, a emoção encontra-se no ponto central da devoção. O papel espiritual da Virgem é, além de oferecer garantias em um mundo inseguro e incerto, devolver estabilidade afetiva; sua presença representa, acima de tudo, uma experiência emocional.

SEU FRANCISCO VS. PADRE FRANCISCO

É notável a diferença da relação que se estabelece entre os leigos e Seu Francisco (portador da imagem da Virgem) e sua relação com o Padre Francisco (pároco de Marfil). Com Seu Francisco, a relação é cotidiana e relativamente horizontal. O contato que se estabelece ao solicitar a visita de Nossa Senhora a algum lar é verbal e informal. Seu papel define-se, acima de tudo, por ser um intermediador diante do sagrado (função mística) e um guia nos saberes da oração (função pedagógica). Com respeito a essa primeira dimensão, evocam-se ocasiões nas quais intercedeu diante da Virgem: “Meu pai estava muito doente, e eu falei com Seu Francisco e pedi que, por favor, ele conversasse com Nossa Senhora sobre meu pai, e ele rezava por ele, não importa onde a Virgem estivesse”. (Ana, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Em virtude de sua função pedagógica, Seu Francisco, em primeira instância, é reconhecido por um conhecimento em particular: “[...] ele sim sabe rezar muito, sabe muito bem [...]” (Antonia, citação oral a partir de entrevista, 2006), “[...] é um senhor muito bom, do jeito dele, mas esse sim reza os rosários como são, como ele sabe e sabe bem” (María, citação oral a partir de entrevista, 2006); ao mesmo tempo, também tem a virtude de saber ensinar: “[...] nós rezamos, sim, mas ele sabe mais, a gente não sabe

o que ele sabe” (Carmen, citação oral a partir de entrevista, 2006), “[...] eu aprendi a rezar o rosário com ele, ainda não sei muito bem, me faltam umas palavrinhas, mas rezo o que dá. Eu aprendi ouvindo ele [...]” (Amada, citação oral a partir de entrevista, 2006).

Por outro lado, a relação com o responsável oficial da Igreja por promover a fé, o pároco (Padre Francisco), é bem mais distante:

Do Padre eu quase não sei nada, não sei como se chama, no máximo conheço de vista porque vou na missa, mas nunca conversei com ele. (Amada, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Nunca troquei nem meia palavra com o Padre, nunca falei com Padre nenhum. Vou na missa e pronto, já volto pra casa, a gente sai e vai embora. (Antonia, citação oral a partir de entrevista, 2006)

A relação pessoal que se desenvolve entre os leigos e os Agentes da Palavra de Deus é diametralmente oposta; enquanto que com Seu Francisco é possível estabelecer um vínculo estável, de confiança, aprendizado e afeto, com o Padre Francisco não passa de uma relação formal, distante e burocrática.

UMA HERANÇA QUESTIONÁVEL E O CATOLICISMO FLEXÍVEL

Os devotos da imagem da Virgem de São João dos Lagos, em Marfil, são herdeiros de uma tradição católica proveniente da educação recebida por suas famílias. A origem de sua fé remete aos ensinamentos maternos da infância: “Meus pais sempre foram muito católicos e a gente veio daí; minha mãe era muito católica, todos os dias ela pegava o rosário e dizia que rezar era bom e dava a bênção pra todo mundo. Ela pegava o rosário a qualquer hora, não importa onde fosse, e começava a rezar” (Carmen, citação oral a partir de entrevista, 2006); “[...] nossa fé veio dos nossos avós, dos mais velhos, temos nossas crenças naquilo que eles nos passaram desde pequenos, essa é a religião que a gente tem” (María, citação oral a partir de entrevista, 2006).

Ainda que a inserção em uma linhagem de crentes seja fundamental na hora de definir-se religiosamente, isso não impede que haja uma nova forma de apropriação e manipulação dos conteúdos e das formas de crença que foram herdadas. Assim, todos os leigos entrevistados pertencem a uma cultura católica geral que se limita a cumprir com os sacramentos fundamentais (batizado, primeira comunhão, casamento), mas – embora não sem pesar – não têm uma participação ativa nas exigências religiosas cotidianas: não vão à missa regularmente (somente em casos excepcionais), só rezam à noite ocasionalmente, não se confessam, não frequentam a Igreja. Além disso, uma parte dos conteúdos básicos da doutrina católica vai se perdendo com o passar dos anos: “Sim, eu acredito no céu e no inferno, claro que sim, acho que acredito sim” (Amada, citação oral a partir de entrevista, 2006), “[...] no céu, no inferno, na vida após a morte, quem é que sabe?” (Antonia, citação oral a partir de entrevista, 2006). Essa inversão religiosa dosada e flexível com relação às exigências formais eclesiais contrasta com, como já apontamos, a devoção para com Virgem Maria e a alegria de tê-la em casa, o que sustenta uma fé inabalável²¹.

Os preceitos herdados, que deveriam ser cumpridos com uma religiosidade tradicional e sacramentalista, são vivenciados com certo grau de tensão e culpa:

Um bom fiel, acredito, tem que se aproximar da Igreja, se confessar, comungar, mas acho que a gente não faz isso do jeito que deveria. (Carmen, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Eu não vou muito na missa, estou um pouco afastada da Igreja, mas sei que é muito importante ir, que tem que ir na missa a cada oito dias e dedicar todo esse dia pra isso, eu vou às vezes, a cada quinze dias ou uma vez por mês. (Amada, citação oral a partir de entrevista, 2006)

²¹ A mera pergunta “você mudaria de religião?” suscita uma reação violenta e defensiva por parte dos fiéis.

No entanto, apesar da tensão por não cumprir de forma cabal com os sacramentos, isso não os impede de seguir com sua devoção: “[...] mesmo não indo na igreja, eu sei que ainda estou no caminho da Fé. Eu nunca faço pouco dos meus Santos” (Sofia, citação oral a partir de entrevista, 2006). Podemos complementar essa apreensão com relação a ir ou não ir à missa e ter fé, a partir da reflexão de Antonia, que vive a angústia de não poder comungar – ainda que vontade não lhe falte – porque não é casada na Igreja e quer evitar as repreensões do padre.

É interessante ver como a oração cotidiana, que funciona de forma distinta a que se pratica com Seu Francisco diante da imagem de Nossa Senhora, vem deixando de ser uma obrigação doutrinal e se converte em um recurso esporádico: “Às vezes, rezo a cada oito dias, cada quatro dias, cada quinze dias. Ultimamente tenho me obrigado menos. Rezo quando me dá vontade” (Amada, citação oral a partir de entrevista, 2006). Afirmar “[...] quando me dá vontade [...]”, (Amada, citação oral a partir de entrevista, 2006), implica que rezar agora responde à ordem do desejo e não à da obrigação. Significa que há uma libertação das exigências formais.

Nesse mesmo sentido, encontra-se a relação com o padre e seus preceitos, que são vistos como pouco realistas: “[...] é impossível seguir o que o padre nos diz ao pé da letra, porque nós somos pecadores; é impossível fazer uma pessoa perfeita” (Ana, citação oral a partir de entrevista, 2006). De fato, abrem-se múltiplas possibilidades de interlocução com a autoridade religiosa: “Se o padre me dissesse que tenho que fazer alguma coisa com a qual eu não concordo, eu ia tentar falar com ele, ia dizer pra ele me explicar o porquê, quero saber o porquê de eu pensar assim” (Ana, citação oral a partir de entrevista, 2006).

Dessa forma, o *catolicismo estratégico* dos fiéis da Virgem é caracterizado por um distanciamento bem acentuado das práticas formais da Igreja, mas também por uma devoção mariana fundamental que se alimenta e renova a partir da experiência da oração ao receberem a Virgem em seus lares e por meio dos milagres (comprovação da fé) que Ela constantemente realiza e que são palpáveis na vida cotidiana.

PADRE FRANCISCO: O CATOLICISMO OFICIAL²²*Catolicismo de ação sacramental*

A Paróquia de Marfil, fundada em 1615, atualmente conta com 87 comunidades urbanas, suburbanas e rurais; são mais de 12.500 famílias com mais de 67.500 habitantes. O Plano Pastoral está dividido em três linhas: profética, litúrgica e social. Conta com 22 grupos apostólicos paroquiais e apenas dois padres designados²³. O Padre Francisco informa que, no momento, a quantidade de pessoas que cada um deve atender excede sua capacidade, que é no máximo 20.000 famílias, e não 35.000, como ocorre; ele também conta como é dinâmica da paróquia. Todos os dias, além das missas rotineiras, há também um grupo pastoral com múltiplas e diversas atividades: oração ao Santíssimo, catequese, círculos bíblicos, corais, confissões etc. Nos finais de semana, as missas são concorridas e o trabalho dos padres se intensifica em função de outras exigências; de fato, o Padre Francisco não sente que sua Paróquia possa estar ameaçada com o surgimento de outros grupos religiosos, pois a quantidade de pessoas que frequenta os cultos regularmente, ao seu ver, não vem diminuindo nos últimos anos:

Graças a Deus aqui a prática religiosa se mantém forte, muita gente vem à missa. Eu ainda vejo bastante participação nas missas de domingo, vem bastante gente, famílias inteiras. (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

O núcleo fundamental da ação paroquial é a intensificação da vida sacramental e, entre eles, “[...] o mais importante é a eucaristia, pois é onde Cristo nos deixa seu corpo e seu sangue, além de dar o poder aos párocos, para que possam realizar seus sacramentos” (Padre Francisco, citação oral a

²² Entrevista individual feita com o pároco Francisco, de Marfil, Guanajuato, em junho de 2006.

²³ Dados tomados do informativo “Plano Pastoral Paroquial. Paróquia de São José e Santiago de Marfil”.

partir de entrevista, 2006). Entre as diversas atividades paroquiais, também devemos destacar as quintas-feiras de exposição do Santíssimo para o público em geral, quando as pessoas podem louvá-Lo e “[...] manifestam o amor que elas têm por Jesus, reconhecem sua grandeza, sua onipotência, elas vêm agradecer, conversar com Ele” (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006).

As práticas pastorais acontecem com o intuito de “purificar a fé das pessoas” para que elas possam se aproximar de Deus. O objetivo principal é “disseminar o evangelho e a palavra”, além da “salvação dos fiéis”, libertando-os de seus pecados; busca-se que “[...] as pessoas passem a confiar mais em Deus, e que possam ver as tentações que nos afastam Dele” (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). O espaço ideal para esta tarefa é “aqui na Igreja”, razão pela qual se espera que muitas pessoas venham à missa e que “[...] participem das diferentes atividades da Igreja” (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). O que faz com que esse espaço seja especialmente diferente de outros é a presença do Santíssimo; a sagrada hóstia não deve estar fora da Igreja, e precisa ser custodiada cuidadosamente pelos especialistas da palavra (os sacerdotes).

Os agentes da pastoral são os que mais contribuem para a realização do projeto religioso, “[...] leigos comprometidos, pessoas preparadas que receberam formação de uma forma ou outra, seja aqui com os sacerdotes ou em outros lugares. Existem pessoas especializadas que têm um “carisma” e que devem colocar isso a serviço dos demais” (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). Quem se opõe a isso é o Demônio, em diferentes formas:

[...] o Inimigo da Igreja se manifesta de muitas maneiras, através de vários pecados: o pecado da indiferença, do materialismo, do ressentimento, do ódio; tudo isso é manifestação do Diabo. Toda pessoa que faz algo ruim está aceitando o Diabo, está deixando que ele entre em sua vida; nós somos contra isso e temos que lutar para que as pessoas passem a confiar mais em Deus. (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Para todo esse plano, a função do padre é fundamental, pois ele é o único que possui o “dom” para realizar o sacramento mais importante: a eucaristia, em que se transformam a hóstia e o vinho no corpo e no sangue de Jesus Cristo. “É grandioso que se possa ser um instrumento da Graça de Deus, que age através de nós; é um privilégio, um presente, um tesouro e uma grande responsabilidade” (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). O essencial de seu papel reside no fato de que, sendo esse um sacramento que ninguém além do padre pode realizar, ele é responsável – em última instância – por “[...] dar a Salvação às pessoas” (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006). A dicotomia principal pode ser explicada através da figura do “bom pastor” *vs.* o rebanho, tomada da Bíblia:

Minha maior aspiração é que as pessoas vejam em mim um bom pastor, esse é o nosso modelo. Como diz o Evangelho, o bom pastor dá o exemplo, vai na frente, dá seu testemunho, faz tudo por seu rebanho, dá sua própria vida e as afasta do lobo. O rebanho escuta a voz de seu pastor e o segue. (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

PERCEPÇÃO DIANTE DAS EXPERIÊNCIAS NÃO OFICIAIS

Ciente da existência de outras experiências religiosas, que chama de “devoções populares”, o Padre Francisco ressalta a hierarquia entre a Santíssima Trindade *vs.* as imagens de Nossa Senhora ou de outros santos:

Tratando-se da purificação da Fé, nós sabemos que tanto Nossa Senhora quanto os demais Santos são intercessores diante de Deus. Às vezes, as pessoas cultuam sua fé nessas imagens de Nossa Senhora ou de outros Santos, frequentam seus santuários, capelas com imagens, mas nós tratamos de fazer com que essas pessoas não se percam, porque o cerne de nossa fé é Deus, a Santíssima Trindade: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo; são eles que nos acodem e nos ajudam em nossa vida, os demais são intercessores.

Nós as orientamos pra que tenham cuidado no seu culto às imagens. A Deus, à Santíssima Trindade, nós lhes devemos louvor porque esse é o nosso Deus; aos santos e à Nossa Senhora se adora, que é algo um pouquinho menos, mais brando. Você já deve ter ouvido falar em idolatria, que é adorar pessoas ou objetos com figuras e considerar eles como Deus. Temos que purificar, dizendo pras pessoas não perderem esse eixo que é a Santíssima Trindade. (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Diante da possibilidade de que se celebre a eucaristia em algum espaço que não seja o adequado para tal, sua reação é igualmente assertiva:

[...] não é permitido celebrar a eucaristia nessas capelas particulares, apenas na Igreja. Quem manda em nós é o bispo diocesano. A religiosidade tem de ser aberta ao culto público, não é algo particular. Se alguém tem uma capela, só se pode celebrar lá com uma autorização muito especial; se algum padre está fazendo isso, está fazendo errado, deveriam nos comunicar e vir pedir permissão. (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Sua reação é ainda mais enfática diante da possibilidade de se ter, em uma capela, o símbolo máximo da religião católica, o Santíssimo:

Uma família pode ter uma capela como um espaço de retiro, com suas imagens, crucifixos etc., onde podem rezar, mas essa é sua única finalidade, jamais vai se permitir que tenham o Santíssimo aí. Não existe nada maior que a presença concreta de Jesus sacramentado, ele não pode andar em qualquer canto por aí. Pra isso, seriam necessárias permissões muito especiais, é preciso avaliar a situação e ver se é cabível deixar ali o Santíssimo. (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

Como deve-se proceder diante daqueles que estão sob o risco de idolatria? O Padre Francisco sugere:

Se supõe que essas pessoas estão sendo orientadas, elas têm que ter um líder. Eles precisam receber formação. Nós não podemos dar a devida atenção, pessoa por pessoa, não é o que nos cabe, nós já temos uma quantidade enorme de

gente na celebração da eucaristia, e aí é uma boa oportunidade pra orientar. Acho que o mais fácil é reunir os líderes dessa gente – porque devem de ter um líder, um coordenador que as guia – e tratar de dar formação a eles para que, então, possam purificar a fé das pessoas. (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006)

TENSÕES E INTERAÇÕES NO CAMPO RELIGIOSO

A experiência de peregrinação da imagem da Virgem de São João dos Lagos pelo bairro adquire algumas características que merecem ser destacadas.

i. Administração autônoma dos bens de salvação.

Muito embora possua uma autorização da diocese para transportar a Virgem, e no começo de sua peregrinação tenha informado ao pároco local sobre suas práticas – “[...] deixei ele a par, ele precisa me dar autorização, e me deu [...]” –, (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006) tem total autonomia no uso operacional da imagem. O processo de troca, a forma como se dá, a data e os acontecimentos do evento, tudo responde à sua iniciativa pessoal. Os pedidos para que a Virgem vá de uma casa para outra acontecem em dinâmicas locais próprias do bairro (encontros informais, contato através de vizinhos, pedidos pontuais). As práticas durante a troca, as leituras, as rezas, os cantos, os detalhes, tudo é definido por Seu Francisco, sem a necessidade de consultar ou receber o consenso de ninguém.

ii. Reorganização da territorialidade (eixo espacial).

Para o Padre Francisco, a vida religiosa gira em torno da Paróquia – que é o centro –, de onde se emitem as mensagens e onde se oferece a salvação. De fato, respondendo à estrutura católica tradicional da organização de espaço, no centro do centro, está o Santíssimo, que organiza simbolicamente a hierarquia nesta dimensão. A iniciativa de Francisco constrói outro traço religioso, com um circuito sagrado de peregrinação diferente que

é introduzido nos lares e que se apropria das ruas. Assim, o caminho sagrado não está concentrado no espaço da Igreja como construção, mas está distribuído pelo bairro e vai se modificando conforme cada circunstância. Nesse sentido, o projeto de Francisco para a construção de uma capela para a Virgem (que não pode ser colocado em prática por motivos econômicos, não religiosos ou morais), terminará por reafirmar uma territorialidade diferente. Além disso, há uma ruptura da paróquia como “centro operacional”, pois muitos leigos, quando desejam participar de uma missa, recorrem a outra Igreja que não é a que está mais próxima e, dessa forma, a que oficialmente lhes corresponderia. Esse outro jeito de organização de território rompe com a ideia de paróquia do bairro, ao mesmo tempo em que intensifica e se apropria da rua e do lar como um espaço religioso, tendo como referência global qualquer Igreja da cidade.

iii. Reorganização do calendário religioso (eixo temporal).

Enquanto que o tempo, na proposta eclesiástica oficial, está marcado pelas atividades semanais e pelo calendário anual, Francisco construiu outra temporalidade que se sustenta, primeiro, nas duas peregrinações semanais que ocorrem às terças-feiras e aos sábados; segundo, na festa da Virgem, que decidiram – em uma consulta apenas aos fiéis mais próximos – realizar em agosto, data que pode variar conforme as necessidades²⁴; e, por fim, o mês de janeiro e a peregrinação a São João dos Lagos, data na qual a Virgem deixa o bairro. Isso não impede que os fiéis possam, eventualmente, participar dos momentos mais importantes do calendário oficial (Semana Santa, Natal etc.), mas não com a presença da Virgem, que possui seu próprio ritmo.

²⁴ Francisco diz que “[...] com as contribuições que nos dão, a maioria por parte de onde Nossa Senhora já esteve, organizamos sua festinha. Já é o terceiro ano que fazemos sua festa no dia quinze de agosto, digo, na teoria era pra fazer dia quinze, mas damos uma mudadinha, porque deixamos de dez a vinte, escolhemos pra cair no sábado e no domingo” (Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006).

iv. Relativa autonomia econômica.

Em suas passagens pelas casas, a imagem da Virgem tem também uma pequena caixinha na qual se depositam as doações daqueles que quiserem colaborar. Esse pequeno auxílio, somado ao fato de que o encarregado de receber a Virgem deve oferecer algum lanche no dia em que Santa deixa a casa, acaba por sustentar a autonomia econômica da peregrinação, sem que seja necessário recorrer a terceiras instâncias para que tenha continuidade.

v. O concreto vs. o abstrato.

Ao passo que a lógica eclesial se baseia em um suporte simbólico abstrato, como é o Santíssimo, que requer uma argumentação teológica, o que sustenta a peregrinação é basicamente a imagem da Virgem, sem a necessidade de maiores explicações. Além disso, a eficácia de seus milagres e seus resultados concretos fazem com que a relação com a Virgem seja mais dinâmica e “deste mundo”, ao invés de exigir uma reflexão mais sofisticada que permita racionalizar toda a experiência religiosa, como sugere o Padre Francisco ao criticar aqueles que “[...] precisam tocar em tudo, porque se não vejo a ação de Deus na minha vida, é porque Ele não existe, significa que Deus me abandonou” (Padre Francisco, citação oral a partir de entrevista, 2006).

vi. Os agentes da fé.

Seu Francisco e o Padre Francisco possuem certas disparidades e também certas coincidências. O principal ponto no qual os dois se aproximam é o fato de que ambos, seja como sacerdote ou como zelador, sentem-se impelidos a ser “um bom pastor”, aquele que vela pela salvação das ovelhas de seu rebanho, livrando-as do pecado e da condenação. Esse dever vem acompanhado de uma lógica do sacrifício, uma visão similar à do pecado, do Sofrimento e da fé na Divindade. No entanto, suas percepções de espaço e atuação são distintas: enquanto um privilegia a Paróquia, o outro prefere as casas, a rua e a sonhada capela; enquanto um administra as emoções, o outro administra os saberes; um cumpre

com exigências formal e burocraticamente estabelecidas, enquanto o outro é autônomo e se sustenta em suas próprias iniciativas e necessidades espontâneas.

CONCLUSÕES

Ao longo deste texto, esboçamos a conformação básica do campo religioso no bairro Marfil, composto preponderantemente por um *agente paraeclesial* (Seu Francisco), uma autoridade burocrática (Padre Francisco) e os leigos. O eixo ao redor do qual essa prática religiosa se organiza são as visitas que a imagem da Virgem de São João dos Lagos faz às casas do bairro. É preciso destacar algumas conclusões a partir da análise.

Por um lado, tudo parece indicar que a vitalidade da imagem da Virgem, a forma operacional de seu funcionamento e seu papel simbólico colocam em jogo o exercício legítimo do controle dos bens de salvação, em que há um confronto mais evidente entre o sacerdote e o zelador; a tensão envolve distintas dimensões, abrangendo desde o âmbito econômico até o uso da linguagem religiosa. Seja de maneira objetiva ou subjetiva, a ação de Seu Francisco com relação à Virgem está voltada para a reconstrução dos costumes religiosos, conforme os critérios que ele considera importantes. No entanto, por outro lado, não deixa de ser verdade que, em essência, a mensagem do zelador insere-se claramente na proposta de doutrina tradicional do catolicismo, reforçando a prática da oração, uma visão do sacrifício e do sofrimento, o controle dos desejos sexuais etc.

Nesse sentido, a devoção que move Seu Francisco, mais em seu conteúdo do que em sua forma, responde, sem contradição, a uma das linhas pastorais promovidas pelo Vaticano com o intuito de reevangelizar o mundo, de difundir a crença mariana e a Fé e de fazer isso com base na iniciativa de leigos comprometidos. De certa forma, a proposta de Seu Francisco acaba sendo mais uma iniciativa para consolidar a missão da Igreja Católica.

Contudo, talvez o que este caso estudado mostre de forma mais clara é a defasagem entre a pastoral diocesana e a dinâmica da paróquia. Enquanto

que, no âmbito local, há uma ruptura entre Seu Francisco e o Padre, em nível nacional, a relação flui de maneira harmoniosa e conjunta. Assim, durante a Caravana Nacional da Fé, Seu Francisco desempenha um importante papel ao articular sua responsabilidade como zelador com as necessidades eclesiais, mas, no momento de organizar as práticas religiosas do dia a dia no bairro, as divergências ficam evidentes. Isso nos leva a reforçar a ideia de que a desterritorialização paroquial é uma das tendências do catolicismo mexicano: De la Torre afirma que “A paróquia deixou de ser o único ponto de ancoragem entre os fiéis e a instituição, entre a crença e a prática” (De la Torre, 2006, p. 139).

Outro elemento que surge a partir da análise é o papel dos leigos. Por que a iniciativa de Seu Francisco possui adeptos? Que necessidades religiosas ela satisfaz? Por que não recorrem à paróquia, mas se esforçam para ter a Virgem em suas casas? Ainda que estes questionamentos excedam as informações deste trabalho, é possível observar que a distância entre uma proposta e outra faz com que um setor de fiéis opte pelo que denominamos hipoteticamente *catolicismo estratégico*, ao invés de fazer parte da ampla gama de atividades oferecidas em sua Paróquia. A proposta de Seu Francisco adequa-se melhor às necessidades concretas dos fiéis, respeitando sua autonomia, desviando-se dos castigos e satisfazendo – ainda que simbolicamente – seus pedidos pontuais por saúde, ascensão social, relações afetivas e proteção. Desse modo, enquanto a devoção oficial enfatiza a tradição e a doutrina, a outra se alimenta da emoção e das vivências; ao passo que uma reforça as regras, a formalidade, o abstrato e a obrigação, a outra promove a irregularidade, a sorte, o concreto, a improvisação, o desejo. A administração dos tempos e dos conteúdos da crença recaem sobre as próprias pessoas, que impõem as condições para a dedicação controlada – conforme suas próprias expectativas e possibilidades – às práticas da Fé. Isso leva-nos novamente aos conceitos de individuação da fé e da desinstitucionalização da prática religiosa que evocamos no início deste artigo, que são características das formas atuais de crença no interior do catolicismo.

Desse modo, a análise da iniciativa de Seu Francisco, como *agente paraeclesial* – e assim como ele, outros tantos ao redor do país –, com um papel ativo no que diz respeito à difusão da fé, abre caminho para que se possa compreender uma das dimensões da recomposição religiosa contemporânea no México.

REFERÊNCIAS

- BAJOIT, Guy. *Todo cambia. Análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas*. Santiago: Ed. Lom, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *La miseria del mundo*. Buenos Aires: Ed. F.C.E., 1999.
- BOURDIEU, Pierre. Une interprétation de la théorie de la religion selon Max Weber. In: *Archives Européennes de Sociologie*, v. 12, n. 1, 1971a.
- BOURDIEU, Pierre. Genèse et structure du champ religieux. In: *Revue Française de Sociologie*, n. 12, 1971b.
- CASILLAS, Rodolfo. La pluralidad religiosa en México: descubriendo horizontes. In: GIMÉNEZ, Gilberto (coord.). *Identidades religiosas y sociales en México*. IFAL-IISUNAM, México D.F, 1996.
- CORTÉS RUIZ *et al.* *Las fiestas a los santos. El culto familiar y comunal entre los otomianos y nahuas en el Estado de México*. México D.F: Ed. INAH, 2005.
- DE LA PEÑA, Guillermo. El campo religioso, la diversidad regional y la identidad nacional en México. In: *Relaciones*, n. 100. v. 25, 2004.
- DE LA PEÑA, Guillermo. *Herederos de promesas. Agricultura, política y ritual en los Altos de Morelos*. México D.F: Ediciones de la Casa Chata, 1980.
- DE LA TORRE, Renée. *La Ecclesia Nostra. El catolicismo desde la perspectiva de los laicos: el caso de Guadalajara*. México D.F: Ed. F.C.E: CIESAS, 2006.

DE LA TORRE, Renée. El catolicismo: ¿un templo en el que habitan muchos dioses. In: FORTUNY, Patricia (coord.). *Creyentes y creencias en Guadalajara*. Guadalajara: Ed. CIESAS: CONACULTA; INAH, p. 101-131, 1999.

DE LA TORRE, Renée; GUTIÉRREZ, Cristina (coord.). *Atlas de la diversidad religiosa en México (1950-2000)*, CIESAS, El Colegio de Jalisco, El Colegio de la Frontera Norte, El Colegio de Michoacán, Universidad de Quintana Roo, Subsecretaría de Población, CONACYT, México, 2007.

FREUD, Sigmund. *L'avenir d'une illusion*. Paris: Ed. Quadrige Presses Universitaires de France, 1996.

GREIMAS, Algiras J. *Sémantique Structurale. Recherche de la méthode*. Paris: PUF, 1995.

GUTIÉRREZ, Cristina. *Congregaciones del éxito: interpretación socio-religiosa de las redes de mercadeo en Guadalajara*. Guadalajara: El Colegio de Jalisco: Universidad de Guadalajara, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Le pèlerin et le converti*. Paris: Ed. Flammarion, 1999.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La Religion pour Mémoire*. Paris: Ed. Cerf, 1993.

HIERNAUX, J. P. *L'Institution Culturelle. Systématisation théorique et méthodologique*. Dissertation doctoral. Vol. I, Vol. II, Vol. III, UCL-Louvain-la-Neuve, 1977.

HIERNAUX, J. P; GANTY, A. *Sociologie des groupes chrétiens contemporains, systèmes symboliques, insertion sociale et mobilisation affective* (fotocopia), Louvain-la-Neuve, 1977.

HIERNAUX, J. P; REMY, Jean. 'Sociopolitical' and 'charismatic' symbols: Cultural Change and Transaction of Meaning". In: *Social Compass*, v. 25, n. 1, 1978.

INEGI. *La diversidad Religiosa en México – XII Censo General de Población y Vivienda 2000*. Aguascalientes: Ed. INEGI, 2005.

- LAHIRE, Bernard. *La culture des individus*. Paris: Ed. La Découverte, 2006.
- MARTUCCELLI, Danilo. *Cambio de rumbo. La sociedad a escala del individuo*. Santiago: Ed. LOM, 2007.
- MEYER, Jean. *La Cristiada 1. Guerra de los Cristeros; 2. El conflicto entre la Iglesia y el Estado (1926-1929); 3. Los cristeros*. México D.F: Siglo XXI (Tres tomos), 1988.
- PUENTE LUTTEROTH, M. A. *El Movimiento cristero. Una pluralidad desconocida*. México D. F: Ed. Progreso, 2002.
- RANGEL SILVA, José Alfredo. Símbolos en conflicto. Los indígenas de Santa María Nativitas frente al clero, siglos XVII y XVIII. In: MOCTEZUMA, Patricia; RUIZ, Juan Carlos; UZETA, Jorge (coord.). *Guanajuato: aportaciones recientes para su estudio*. Guanajuato; San Luis Potosí: Ed. Universidad de Guanajuato: El Colegio de San Luis, 2004.
- RIONDA, L. M. Del conservadurismo al neopanismo: la derecha en Guanajuato. In: *Cuadernos del CICSUG*, n. 1. Guanajuato, 2001.
- RIVERA FARFÁN, Carolina. *Vida Nueva para Tarecuato. Cabildo y parroquia ante la Nueva Evangelización*. Zamora: Ed. El Colegio de Michoacán, 1988.
- RIVERA FARFÁN, Carolina (coord.). *Diversidad religiosa y conflicto en Chiapas*. México, D. F: Ed UNAM-CIESAS COCYTECH, Secretaría de Gobierno de Chiapas, Secretaría de Gobernación, 2005.
- SUÁREZ, Hugo José. *La transformación del sentido. Sociología de las estructuras simbólicas*. La Paz: Ed. Muela del Diablo, 2003.

Recibido em: 12/02/2018

Aprovado em: 12/02/2018